

«A cidade deve ser um espaço transparente de partilha e participação solidária»

A Associação de Valorização do Património Cultural e Ambiental de Olhão tem publicados dois livros de interesse histórico, elaborou um guia turístico bilingue e aposta numa intervenção cívica. Falámos com António Paula Brito que, a propósito da associação, afirmou que «devemos ter consciência que só temos o direito de criticar os outros se, naquilo que está na nossa mão, soubermos intervir e participar»

barlavento - Quais as intervenções que a APOS desenvolve? Destaque a mais importante e porquê?

António Paula Brito - As nossas atividades desde a fundação (2006) estão explanadas na nossa página web www.olhao.web.pt que, em si mesmo, é também uma atividade, quicá a mais importante, porque corresponde ao repositório quase enciclopédico de tudo que conhecemos e reunimos de Olhão, disponibilizado para divulgação pública. De alguma forma, esta página é, ela mesmo, um extraordinário serviço público que fazemos ao concelho porque influencia de forma determinante a visão que os jovens têm sobre a sua terra, atendendo que atualmente quando se quer saber alguma coisa sobre Olhão, o primeiro passo, e frequentemente o único passo, é ir à internet ler o que lá está. E somos nós que lá estamos... No entanto, como outras atividades muito importantes posso referir o facto de termos colocado para consulta livre na internet mais de 27 livros eletrónicos (penso que não existe no Algarve outra entidade pública ou privada que disponibilize tantos livros gratuitamente...), termos elaborado três propostas de processo de classificação patrimonial para edifícios em Olhão (a autarquia nunca conseguiu elaborar uma única destas propostas...), termos publicado em papel dois livros de interesse histórico e um guia turístico e cultural bilingue da cidade (a autarquia nunca conseguiu fazer um guia turístico bilingue...), termos uma newsletter eletrónica com a qual comunicávamos semanalmente por email para mais de 900 pessoas os eventos do concelho, etc. Significa isto que temos oferecido um extraordinário serviço público a Olhão, único e insubstituível no concelho, apesar dos nossos poucos recursos.

b. - O vosso plano de atividades até ao final do ano o que é que contempla? Para 2012 já existem algumas iniciativas pensadas? Quais?

A.P.B. - Novamente, todos os nossos planos de atividade estão disponíveis na nossa página web. Genericamente todos os anos temos apostado na organização

de conferências, visitas guiadas, e na organização ou participação em diversas iniciativas de carácter cívico, cultural ou ambiental. Até ao final do ano queremos simplesmente ofertar e divulgar a todas as Bibliotecas Municipais do Algarve o nosso livro recentemente editado - O Novo Argonauta -, assim como fazer a sua divulgação no Brasil, porque é uma temática que também interessa aos brasileiros. Para 2012 ainda não temos objetivos definidos (o plano de atividades ainda não foi elaborado e aprovado).

b. - Uma das vossas intervenções foi a apresentação do livro «O Novo Argonauta», classificado como «Os Lusíadas» de Olhão. Porquê?

A.P.B. - Recentemente editámos e apresentámos o livro «O Novo Argonauta» que classificámos como «Os Lusíadas» de Olhão. Isto porque, à semelhança d' «Os Lusíadas» que são um poema épico da viagem de Vasco da Gama à Índia, o «O Novo Argonauta» é um poema épico datado de 1809 à viagem do caíque «Bom Sucesso» de Olhão ao Rio de Janeiro. Como muitos leitores do «barlavento» certamente já sabem, em 1808 iniciou-se em Olhão a revolta do Algarve contra as tropas napoleónicas que aqui se encontravam. Após esta revolta bem sucedida, partiu de Olhão para o Rio de Janeiro um barco de pesca que não tinha qualquer preparação para a navegação no Atlântico, com o intuito também bem sucedido de ser o primeiro correio marítimo a levar as boas novas à nossa Família Real, então refugiada no Brasil. Esta viagem, protagonizada por marítimos olhanenses, foi efetivamente um feito de coragem assinalável que teve tanta repercussão na época, que deu o ensejo de escrever este livro ao padre José Agostinho Macedo, conhecido intelectual e patriota da época. Claro que a qualidade literária deste poema não se aproxima ao de «Os Lusíadas», mas a comparação é evidente...

b. - Um dos vossos princípios é a cidade para o cidadão. Quer explicar?

A.P.B. - A explicação é simples: trata-se do princípio de que a participação cívica é um direito que assiste a todos os cidadãos e a cidade deve ser um

espaço transparente de partilha e participação solidária. Trata-se também do princípio cívico simples de que devemos pensar global, mas agir local. Ou seja, não temos o direito moral de falar contra as injustiças e os políticos em geral, quando, na nossa terra, andamos distraídos das injustiças que existem debaixo do nosso nariz e recusamo-nos a participar solidariamente na sua correção...

b. - A recolha da memória oral do povo olhanense está nos vossos objetivos? Porquê?

A.P.B. - Sim, é um assunto que recorrentemente tem sido falado, nomeadamente as histórias das mulheres operárias conserveiras. Em grande medida, este lado da História, representado pelos mais humildes, vulneráveis e analfabetos, é algo que corre o risco de se perder para sempre! Infelizmente ainda não conseguimos concretizar este objetivo. Espero que o Museu Municipal da Cidade tenha a capacidade de o fazer.

b. - Quais são as principais dificuldades com que a APOS se debate?

A.P.B. - A principal dificuldade foi sempre o facto de pretendermos participar de forma cívica numa sociedade que, sobretudo em 2006, desconhecia completamente o que é a participação cívica, e delegava de forma subserviente todas as decisões e até a capacidade de pensar para a autarquia, mais concretamente para um único homem, o seu presidente, que após a legitimação democrática pelo voto, se assumia sistematicamente como o único iluminado do concelho. A APOS nunca quis afrontar a autarquia atendendo a considerar que esta tem de facto mais legitimidade democrática que a APOS ou qualquer outra entidade que não vai a votos. No entanto, a participação democrática dos cidadãos fora dos momentos eleitorais é um comportamento saudável de uma sociedade democrática saudável. É mesmo um complemento fundamental para a democracia representativa eleitoral. Ora a APOS tentou por diversas vezes colaborar com o presidente da câmara Eng. Francisco Leal, através do envio de cartas e disponibilização transparente e honesta de informação diversa, tendo como resposta a ausência total de resposta, embora frequentemente, «apimentada» pela utilização desonesta e não transparente da ajuda e colaboração que prestávamos. Esta situação levou a que em 2007 a APOS tivesse denunciado alguns destes comportamentos desonestos do Eng. Francisco Leal e nos termos transformado, sem o desejarmos, uma associação não grata. Isto provocou que desde 2007, qualquer olhanense que queira colaborar connosco nas nossas atividades tenha de pen-



sar cuidadosamente se não sofrer alguma represália do poder vigente. E esta é a nossa maior dificuldade: encontrar outros cidadãos livres que, sem medo, colaborem solidariamente e civicamente! No entanto, justo será dizer que atualmente existe uma certa abertura da parte de alguns vereadores, nomeadamente o vice-presidente António Pina, que tem possibilitado alguma colaboração e até apoio autárquico à edição dos nossos livros.

b. - Fazem intercâmbio com outras associações? A que nível? Quais?

A.P.B. - A nossa participação é transparente e colaborativa e, por isso, sempre que existe oportunidade colaboramos com outras associações. A colaboração mais importante tem sido com o Elos Clube de Olhão, com quem organizámos uma viagem comemorativa ao Rio de Janeiro da já falada travessia atlântica do caíque Bom Sucesso ao Brasil e, recentemente, fizemos a edição do livro «O Novo Argonauta». No entanto sempre estivemos disponíveis para participar conjuntamente em eventos vários com uma miríade de associações, nomeadamente exteriores ao concelho (Núcleo de Filatelia de Faro, Associação Hera, a Glocal>Faro, Almagem, ACAPO - Associação dos Cegos e Amblíopes de Portugal), associações do concelho (Associação da Baixa Comercial de

Olhão, Sociedade Recreativa Olhanense, Sociedade Recreativa Progresso Olhanense, Cineclube de Olhão, Associação Arte Equestre), e até entidades privadas (Grupo Hotéis Real Portugal e o Ria Shopping).

b. - As entidades oficiais apoiam o vosso trabalho?

A.P.B. - Temos tido um grande apoio da Direção Regional da Cultura do Algarve (dirigida pela Dra Dália Paulo), traduzido na edição de dois livros, um em 2010 e outro em 2011. Tivemos também apoio da Câmara Municipal de Faro (Eng. Márcio Correia) na publicação de um destes livros - «A Restauração dos Algarves ou os Heróis de Faro e Olhão» e algum apoio da Junta de Freguesia de Olhão (Dra. Gracinda Rendeiro).

Quanto à Câmara Municipal de Olhão, como já referi anteriormente, até 2010 não só não recebemos qualquer apoio como sentimos da parte do seu presidente uma postura de sistemática obstrução às nossas atividades. No entanto, reitero que graças à mudança dos vereadores ocorrida no atual mandato temos sentido uma abertura maior, traduzido no apoio financeiro à edição dos nossos dois livros. Uma palavra de apreço não só para o atual vice-presidente António Pina, como para os vereadores da oposição, sobretudo Eduardo Abúndio, que possibilitou o início desta abertura.

b. - Que mensagem desejam

enviar aos olhanenses?

A.P.B. - A mensagem serve para os olhanenses e todos os outros porque, como já referi, todos devemos «pensar global, mas agir local». Em primeiro lugar devemos ter consciência que só temos o direito de criticar os outros se, naquilo que está na nossa mão, soubermos intervir e participar. Em segundo lugar devemos estar conscientes que devemos apostar no nosso património, sobretudo numa região turística como é o Algarve, porque é aquilo que nos faz diferentes dos outros, que os atrai a visitarem-nos, transformando-se numa mais valia económica através do estímulo do comércio e outras atividades turísticas. Em terceiro lugar a aposta no nosso património é também uma aposta em nós, na nossa identidade, e consequentemente na nossa felicidade, por nos dar consciência da nossa especificidade própria. Em quarto lugar, apostar no património é apostar em algo que nos é comum, é como apostar num condomínio de todos, é uma ato de solidariedade comunitária e por isso, um ato típico dos povos e comunidades mais evoluídos.

b. - Outras questões de interesse.

A.P.B. - Muiíssimo mais haveria a dizer sobre situações menos positivas de que nos temos apercebido nas nossas atividades, como é o que consideramos ser uma má política de promoção turístico-cultural da parte da Região de Turismo do Algarve, etc. No entanto, porque a entrevista já vai longa disponibilizo-me apenas para prestar quaisquer esclarecimentos em momentos futuros. Finalizo chamando a atenção que na nossa página web terão acesso a muita informação não só escrita como em vídeo, não só histórica como atual, podendo surpreender qualquer um, mesmo que seja um jornalista bem informado...



oculista

BELO HORIZONTE

DITA



SUN ASS STORE
ÓPTICA DA ROCHA

PORTIMÃO

Loja1: Largo D. João II, 5
Tel: 282 423 466 Telem: 933 024 534
Loja 2: Rua do Comércio, nº 70
Tel: 282 483 211 Telem: 933 024 532

Aberto sábado à tarde